

Ataques atribuídos à Renamo provocam 22 mortos perto de Maputo

Expresso (679)
1 Nov. '85

VINTE E DUAS pessoas morreram na sequência de dois ataques perpetrados nos últimos dias pela Renamo contra uma fábrica e uma empresa dos arredores de Maputo, acções que em ambos os casos foram levadas a cabo por grupos de homens armados em número não inferior à centena, de acordo com informações de fontes oficiais.

Na segunda-feira, soube-se em Maputo que, quatro dias antes, um grupo de cem homens

atacara a fábrica de alumínio de Moçambique Socimol, matando na acção seis pessoas na zona de Matola e Machava. As seis vítimas estavam entre um grupo de pessoas raptadas que desceram de um comboio na Matola, subúrbio a dezena e meia de quilómetros da capital. Os seis homens foram mortos em frente dos outros raptados, que mais tarde puderam regressar às suas casas.

A empresa «Olsa Citrus», no distrito de Boane, província de

Maputo, foi o alvo do ataque de segunda-feira, que as autoridades moçambicanas divulgaram menos de 24 horas depois. Sobreviventes calcularam em centena e meia o número de atacantes e um primeiro balanço mencionou 16 mortos e um número indeterminado de feridos. A «Olsa Citrus» já tinha sido atacada duas vezes em menos de dois meses e o reforço de segurança da empresa não levou os atacantes a desistirem de terceiro raide.

As notícias dos ataques surgiram dias depois de o jornal «Notícias», de Maputo, ter voltado a acusar o Governo de Pretória de novas violações do acordo de Nkomati. O jornal moçambicano referiu-se nomeadamente, citando testemunhas, à continuação de abastecimentos à Renamo através de aviões e de helicópteros da África do Sul.

Mas Pretória, invocando o facto de Samora Machel ter sus-

pendido o funcionamento da comissão conjunta de segurança moçambicano-sul-africana prevista naquele acordo, anunciou ter decidido não investigar as acusações de Maputo.

Machel declarou suspensos os trabalhos da comissão em Setembro, no momento em que foram descobertos, na base da Renamo na Gorongosa, documentos ligando a África do Sul aos rebeldes, mesmo depois da assinatura do acordo de Nkomati.